

KIDAIS DE OUTONO



Comprei um bom dourado. Vou saboreá-lo já. A mesa está pronta.	Goiaiba verde. Aquela mulher grávida mata desejos.	No varal de roupas a libélula balança os olhos da gente.
Agostinho José de Souza	Helvécio Durso	Nilton Manoel Teixeira
Pé de mexericas, no meu quintal. Cheiro forte. Pássaros aloçam.	Sabor e perfume da gostosa mexerica, nos lábios de Lia!...	Pés de mexerica. Nosso pomar na fazenda é verde e amarelo.
Albertina C. G. dos Santos	Hermoclydes S. Franco	Olga Amorim
Faiscam relâmpagos! E a vila aguarda passiva um novo mistério...	O canto do grilo entra pela noite toda... Que monotonía!	Entre folhas verdes... minha planta é patriótica, folha amarelada.
Amália Marie G. Bornheim	João Batista Serra	Olga dos Santos Bussade
Construindo a casa vizinho cortou o pé goiaba só da feira.	Folhas amarelas... que a geada amarelo no frio mês de maio.	Grilos no alpendre. Num vaso, belo coqueiro. De manhã, só talos.
Carlos R. Barbosa de Jesus	José Walter da Fonseca	Olíria Alvarenga
Menino armando arapuca no quintal. – Voá, passarada!	Pleno meio-dia. Numa folha amarelada transparece luz.	Mexerica doce, sumarenta e perfumada que cair do galho...
Cecy Tupinambá Ulhôa	Larissa Lacerda Menendez	Renata Paccola
Elos vespertinos, o abaceteiro anão e as libélulas...	O grilo num pulo, assusta amantes na cama. Confusão geral.	Ao longe, um relâmpago feriu a noite de breu... Estrelas protestam.
Debora Novaes de Castro	Leonilda Hilgenberg Justus	Santos Teodósio
Arapuca à vista! Passarinho satisfeito olhou e bateu asas...	Goiabas tão grandes... E bem ao lado da cerca!...Tem ...cacho de abelha!	Meia hora de briga e bastante estardalhaço. Que baita dourado!
Edel Costa	M. U. Moncam	Sergio de Jesus Luizato
Goiabas maduras... A gulodice me lembra que é tempo de doce!	Relâmpago, ação! Começa a chuva e o trovão. Show da Natureza.	Sem faca eu te descasco. Morro de amar por ti, mexerica!
Edmar Japiassú Maia	Marcelino R. de Pontes	Sonia M. M. Cozzo
Chuvaramada amaina... – Na poça, sobre água doce, libélula plaine.	Entre o vôo livre e trinado engaiolado, zape da arapuca!	Pescando no rio, fisgada ao pôr do sol. Tudo é dourado...
Fernando L. de A. Soares	Maria de Jesus B. de Mello	Sérgio Serra
Passaro não voa... Na arapuca, ele cai! – Criança o salva e ri.	Libélulas em vôo rasante sobre as águas. Feliz namoro.	Folha amarelada. Sentenciada para morrer – teimosas, resiste.
Heloise Sauerbronn Brandão	Nadyr Leme Ganzert	Teruko Oda



Kigos à escolha para até três haicais a serem enviados

até o dia 10.06.99:
Dia das Mães, Tucano, Uva.

Até o dia 30.06.99:
Crisântemo, Festa Junina, Gafanhoto.

Fazer um haicai de sação é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos, com a mente vazia (sem preconceitos), o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haicai com kidaí, ou seja, haicai com tema da estação, por conter, *como assunto principal* o kigo, palavra da sação. O haicai de sação deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haicai conterá ainda sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo (cada conjunto em uma única ½ folha de papel carta ou ofício), escrever o nome e o endereço e assinar. Despachá-los normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos kigos.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

2. Posteriormente o haicaista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. O haicaista se compromete a enviar numa folha, que será entregue até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicaista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do fim do mês seguinte.



IPÊS EM FOLHA

O menino escuta – ouvido no caracol – murmurios do mar.	O Momo sorri com cem quilos de alegria, e o rei na barriga!	Na folha topázio, um caracol passando, faz trilha de prata.
Eduardo A. O. Toledo	João Elias dos Santos	Leda Mendes Jorge
Faça chuva ou sol, caracol despreocupado. Morada ambulante.	Acaba o banzeiro. Barco a vapor já sumindo, na curva do rio.	Coqueiro curvado, em solene reverência, ante o mar banzeiro.
Yedda Ramos Maia Patrício	José N. Reis	José Messias Braz
Mendigo de rua pára, e olha o caracol... carregando a casa...	Feliz caracol: carrega a casa nas costas... Lar sempre presente!	No leve banzeiro a gaiuva mergulha: um siri a menos.
Alba Christina	Alba Christina	Héron Patricio
Sobre a pedra escura, brilha ao sol, um fio de prata. Onde, o caracol? Maria Reginato Labruciano	Os rastros em prata onde foi o caracol sob a luz da lua... Mariem Y. T.	Caixa nas costas, moradia de papelão. Homem caracol. Yedda Ramos Maia Patrício
Em total silêncio, bem embaixo dum folha, par de caracol... Luis Koshiro Tokutake	No rastro da esteira prateada de um caracol, outro caracol... Darly O. Barros	Depois do banzeiro, o mar bravia é maroto: beija a praia e... foge! Ercy M. M. de Faria
No verde do musgo há um risco prateado: caracol cometa.	Desfite a folia, Rei Momo desce do trono e reina no bar.	Nem passe de mágica luz passa faz surgir vários caracóis...
Héron Patricio	Eduardo A. O. Toledo	Mariem Y. T.
Temura de ondas, praia tranqüila e branquinha. Ocaso banzeiro. Fernando Vasconcelos	Em casa escondido vive alegre o caracol. Sem chatas visitas. Haroldo R. de Castro	Na areia da praia, curioso, um pingo de gente pega o caracol! José Messias Braz
Rei Momo balofo caminha na quarta-feira. Garoa e cansaço. Héron Patricio	Caracol no chão rastejando para a nada, bem devagarinho... Djalda Winter Santos	Sem teto, ao relento, lento o caracol rasteja, carregando a casa... Divenei Bosseli
Ventos... infinitos... Galés carregando noites. Banzo no banzeiro. Roberto Resende Villela	Em rica roupagem, Rei Momo, reina três dias. Coroa de lata. Maria Reginato Labruciano	Na rede vazia, evidências de banzeiro... Mar não tá pra peixe... Maria Madalena Ferreira
Caracol se encolge: Perigo! Guri curioso cutuca sua casa. Lávía Lacerda Menendez	Rei Momo se abana atrás do carro alegórico... Desfile atrassado! Douglas Eden Brotto	Carnaval começa. Nas mãos do ativo Rei Momo, chaves da alegria! Humberto Del Maestro

O QUE O DIABO ME CONTOU

I

Durante minha vida, apenas cinco vezes tive oportunidade de conversar com o Diabo, mas tenho certeza de que, entre os seres vivos, sou eu aquele que mais intimamente o conhece e com quem ele se tem mostrado mais afável. Trata-me – posso afirmá-lo com legítimo orgulho, que não tento dissimular – com uma benévola condescendência que chega até a comover-me. Quando me encontro em sua companhia, limito-me a ouvi-lo. Assim, não me engano; escuto-o e admiro-o. O Diabo, pelo menos como me tem aparecido até agora, é uma figura incomum. Alto, muito pálido, ainda bastante moço, mas com essa mocidade de quem viveu bastante e por isso mais triste que a velhice. Seu rosto, muito branco e comprido, nada possui de particular, a não ser a boca sutil, fina e apertada; tem uma ruga única e profundíssima, que se alça perpendicularmente entre as sobrancelhas e se esvai ao chegar à raiz dos cabelos. Jamais pude verificar perfeitamente a cor de seus olhos, pois não consegui vê-los, nunca, mais que alguns instantes; não sei tampouco a cor de seus cabelos, porque um gorro de seda, que nunca tira da cabeça, esconde-os completamente. Veste-se corretamente de preto e suas mãos se encontram, sempre, irrepresivelmente enludadas.

É difícil que, nestes tempos que correm, se resolva a vir à terra. Certo dia, confessou-me, melancolicamente:

– Agora, os homens não mais me interessam. Compro-os por pouco, mas valem cada vez menos. Não têm medula, nem alma, nem coragem. Talvez, nem sequer tenham sangue suficientemente rubro para firmar o contrato.

No entanto, quando se aborrece, com frequência, em suas desoladas regiões, costuma visitar-nos. Ninguém realmente o percebe, porque os homens já o não reconhecem e passam por ele tomando-o por um de seus semelhantes e até chegam a sorrir-lhe e tirar-lhe o chapéu, com um ar de segurança que causa espanto. Mas eu sempre sinto o ruído de seus passos e procuro desfrutar-lhe a companhia. A conversa do Diabo é das mais proveitosas e agradáveis que existem, é daquelas que fazem compreender o mundo e, acima de tudo, o mundo que está em nós, muito mais do que os pequenos e grandes trabalhos de autodidática, que se lêem na biblioteca de Heidelberg.

Nunca conheci ninguém mais indulgente e compreensivo que o Diabo. Conhece tão profundamente a mesquinhez, a velhacaria, a sujidade e bestialidade humanas, que nada o espanta nem o desgosta. É pacífico e sorridente como um sábio antigo; às vezes até me parece mais cristão que todos os cristãos do mundo. Perdoo, por fim, *Aquele* que o condenou e o expulsou de seu seio. Quando a isto se refere, chega a reconhecer que o Onipotente agiu com inteira justiça, precipitando-o do paraíso, visto que um rei não pode permitir que vivam em torno dele seres excessivamente soberbos e indisciplinados. “– No lugar dele, – confessou-me, certa ocasião, – eu teria condenado os rebeldes a uma pena muito mais terrível. Te-lo-ia obrigado à inanição, à imobilidade. Em troca, Deus foi generoso e clemente para comigo, propocionando-me os meios de seguir a carreira para a qual eu mais mostrava inclinação. Embora, atualmente, eu me sinta um tanto cansado, não tenho muitas razões de queixa; no seio da beatitude celeste, eu me aborreceria muito mais”.

Ele se mostra animado, inclusive a respeito dos homens, de uma benevolência algo irônica, não isenta de um convicto desprezo, que não consegue dissimular. Ele é, por ofício, o atormentador dos homens, mas,

graças a um longo hábito, tornou-se menos feroz e menos terrível. Já não é mais o hirsuto e monstruoso demônio da Idade Média, com rabo e chifres, que ia acariciar as virgens, nos mosteiros, e excitar a febre solitária dos santos, no deserto.

Já se convenceu de que a tentação é, agora, perfeitamente inútil. Os homens pecam por si mesmos, natural e espontaneamente, sem necessidade de excitações e convites. Deixa-os em paz, e os homens correm para ele, como a água por declive. Por isso, não os considera mais como inimigos a conquistar, mas como bons e fiéis súditos, dispostos a pagar seu tributo, sem fazer-se de rogados. Despertou-lhe isso, nestes últimos tempos, certa compaixão para conosco, os homens, e, se não destrói o desprezo, o atenua e encobre. Confirmei esta última opinião durante o colóquio que tive com ele, no qual me revelou uma coisa que tem certo valor para todos os que buscamos o *que está mais alto e o que está mais longe*.

II

Encontrei-o, da última vez, numa dessas ruas solitárias dos arrabaldes de Florença, apertadas entre velhos muros, por cima dos quais apontam as oliveiras. Ia lendo um livro de capa negra e ria consigo mesmo, como só ele sabe rir. Aproximei-me e, mal me viu, fechou o livro, segurou-me no braço e principiou a dizer-me:

– Conheço há séculos este livrinho, a Bíblia; releio-o de quando em quando, se tenho necessidade de pôr-me em contato com o bom humor. A que leio agora é em inglês, e notei que o inglês se presta mais para o Antigo Testamento, ao passo que prefiro o italiano para o Novo. Estava relendo, agora, pela milésima vez, os primeiros capítulos do Gênesis, e você facilmente deve compreender por quê. Tenho, ali, um papel importante e sinto-me, às vezes, além de soberbo, vaidoso. Agrada-me, falando verdade, tornar-me a ver sob o belo adereço da serpente enroscada na árvore, tal com se vê nas velhas gravuras, avançando minha cabeça escura para o alvo corpo nu da apetitosa Eva. Mas é uma verdadeira lástima que a história da tentação tenha sido tão alterada pelos historiadores servos de Deus. Qualquer dia, se tiver tempo, publicarei uma edição correta da Bíblia, e não só correta mas, também, aumentada, porque os santos e piedosos escritores tiveram escrúpulos de citar com demasiada frequência o meu nome e deixaram na obscuridade algumas das minhas melhores façanhas.

“Voltando à tentação, repito, meu caro amigo, que a narrativa bíblica foi descaradamente falseada. Nunca eu disse isto a homem algum, mas creio que a Você se pode dizer o que nenhum homem seria capaz de injetar por si próprio. Confessarei, portanto, que não fui, no verdadeiro sentido da palavra, um tentador, um enganador. Quando me dirigi à Eva, para decidi-la a provar do fruto proibido, não tinha intenção alguma de desgraçar os homens. Meu único propósito era vingar-me de Jeová, o qual, segundo julgava naqueles tempos, me havia tratado indignamente. Queria criar-lhe rivais em poder e, por isso, não era, de modo algum, um farsante, quando dizia a Eva: “*Come deste fruto e serás semelhante a Deus*”.

“Eu dizia, asseguro-lhe, a pura e estrita verdade. Realmente, a árvore proibida era a da sabedoria; a árvore-ciência, não só do bem e do mal, como diz o Hebreu, senão também do verdadeiro e do falso, do visível e do invisível, do céu e da terra, dos animais e dos espíritos. E Você sabe,

querido amigo, o que é *sabedoria e poder*, e que ser Deus significa ser sábio e poderoso. Por isso, não queria enganar aos homens, quando lhes indicava o meio de se tornarem semelhantes a Jeová. Meu interesse estava em que o conseguissem, porque esperava a sua ajuda para reconquistar o céu.

“Vejo em seus olhos que quer perguntar-me alguma coisa, e sei o que é. Como foi que Adão e Eva, apesar de terem comido o fruto proibido, não se converteram em deuses, mas foram desalojados, por ser Deus, do belo jardim?

“Se quiser, explicarei, em poucas palavras, este aparente mistério. Eva, na confusão do momento, não notou que os frutos da árvore eram muitos e diversos e não ouviu o que eu lhe dizia, isto é, que não bastava comer alguns, *que era necessário despojar inteiramente a árvore* – adquirir toda a sabedoria. Apesar disto, apenas comeu um, faltou-lhe ânimo para colher e comer rapidamente de todos os outros, e aconteceu que Jeová teve tempo de aperceber-se do perigo e remediá-lo imediatamente, com o desterro perpétuo. Se Adão e Eva tivessem comido todos os frutos da árvore maravilhosa, o *Grande Velho* já não teria tido poder para expulsá-los do Paraíso. Teriam sido Deus contra Deus, e nenhum anjo, apesar de armado de espada flamejante, os teria posto em fuga. *Deus pôde castigá-los porque não tinham pecado inteiramente*. O pecado original foi castigado porque não foi bastante grande. Assim ocorre sempre, na terra, e não hei de lembrar-lhe uma vez mais o colóquio entre Alexandre e o pirata, para lhe revelar que um crime é castigado quando é pequeno, e glorificado e premiado quando é grande.

“O homem, naquele jardim longínquo, perdeu, pois, magnífica oportunidade para converter-se em Deus, e eu perdi uma das poucas probabilidades de voltar ao céu. Mas eu creio, excelente amigo, e lho digo, embora Você e os outros homens não dêem muito crédito aos conselhos do Demônio, eu creio que *vós ainda estais em tempo de acabar com todos os frutos da árvore*, estais em tempo de converter-vos em deuses. Vós não vos lembrais do caminho do *Paraíso Terrestre*, mas eu sei que algumas sementes daquela árvore voaram fora e já estão desenvolvidas. É preciso procurá-las em vossos bosques, cuidá-las e podá-las até que tomem a dar seus frutos. E, então, acreditai num velho amigo, que alguns, cujos servos invejosos, querem fazer passar por inimigos dos homens – então podereis comer a vosso gosto, até à saciedade, e minha promessa será cumprida.

“Desejaria Você perguntar-me algum sinal de reconhecimento desta árvore e de seus frutos? Nada lhe posso dizer. Cumpre que vos mesmo a encontreis, com paciência e perseverança. E avisai-me logo que a tiverdes encontrado, porque, então, minha missão estará cumprida e, talvez, o bom Deus me chame a Si.

A voz do Demônio, neste momento, tornou-se mais melancólica. A ruga profunda, que possui ao centro das sobrancelhas, me pareceu mais acentuada. Após deter-se alguns instantes, como que dominado por algum pensamento, continuou o caminho, em silêncio, olhando as estrelas, que principiavam a cintilar no lânguido céu da noite que se aproximava...”

Ontem, entre a multidão do bulevar, percebi que alguém me tocava no braço. Adivinhei logo. Era aquele ser misterioso que eu sempre desejara conhecer. E, embora ele também jamais me houvesse visto, senti que devia ter o mesmo desejo meu, pois me dirigiu um piscar de olho bastante expressivo, ao qual me apressei a obedecer. Segui-o atentamente e, mais que depressa, em sua companhia, desci para uma residência subterrânea, onde havia tamanha pompa, tanto luxo, que deixava longe as mais ricas mansões parisienses que lhe ficavam por cima. Pareceu-me estranho, na verdade, eu ter passado tantas vezes próximo dessa mágica fuma, sem nunca lhe ter adivinhado a entrada.

Havia, lá dentro, um ar esquisito que embora me subisse à cabeça, fazia-me olvidar quase logo todos os aborrecimentos da vida; ali se respirava uma beatitude melancólica, semelhante àquela que devem experimentar os comedores de lótuos, quando, ao desembarcar numa ilha encantada, onde reluziam os esplendores de um eterno crepúsculo, ao som de melodiosas cascatas, ao som que concilia o sono, sentiam brotar em suas almas o desejo de jamais reverem seus lares, suas esposas, seus filhos, e de nunca mais se deixarem embalar pelas ondas do mar.

Havia, ali, certos estranhos rostos de homens e de mulheres, marcados pôr fatal beleza; estranhas caras, que davam a impressão de já havê-las visto em épocas e regiões de que me era impossível recordar com exatidão, que me inspiravam fraternal simpatia, ou melhor, aquela espécie de medo que o desconhecido nos infiltra no coração. Caso tentasse descrever, de qualquer maneira, a estranha expressão de seus olhares, diria que nunca tinha visto olhos que tão energicamente demonstrassem o brilho que reflete o tédio em todo seu horror e o imortal anseio de sentir a vida palpitar, de viver!

Eu e meu anfitrião já nos sentíamos como velhos e verdadeiros amigos. Ceamos juntos, e nos excedemos no copo, pois bebemos toda sorte de vinhos extraordinários, mas, depois de um certo tempo, pareceu-me que estava menos bêbado que ele.

O jogo, entretanto, esse prazer sobre-humano, havia, repetidas vezes, interrompido nossas freqüentes libações, e devo confessar que eu jogara e perdera minha própria alma, com um desdém e uma leviandade deveras heróicos. A alma é uma coisa impalpável, freqüentemente tão inútil e quase sempre importuna. Experimentei, por isso, quanto a essa perda, muito menos emoção do que se houvesse perdido meu cartão de visita, num passeio qualquer.

Fumamos longamente alguns charutos, cujo sabor e incomparável aroma me incutiam na alma a nostalgia de países e de felicidades desconhecidas e, ébrio de todas essas delícias, usei, num momento de familiaridade, que me pareceu não desagradar-lhe, gritar, levantando uma taça cheia a transbordar:

Reza aquele que verseja, alegrando o dia-a-dia, sem que saiba, sem que veja, Deus, também, é poesia.

Fernando Vasconcelos

Volto à praça da cidade, com neblina em meu olhar, sofrendo a enorme saudade de um simples... ver-te passar!...

Hermoclydes Siqueira Franco

Ora está com um tapa-olho Hermoclydes, o pirata; curado está, mas de molho, operou de catarata.

Manoel Fernandes Menendez

Brilha o céu, amplo e divino; Deus calado em luz discursa. Nos meus sonhos de menino, ganho estrelas de camurça.

Humberto Del Maestro

Quando uma flor emurchece, há outra a desabrochar... Sempre é assim... e não há prece capaz de o fato alterar.

Leonilda Hilgenberg Justus

A vivência nos ensina esta grandiosa lição: – o amor, essência divina, transforma pedras em pão!

Santos Teodósio

Minha carta de alforria não me deu fazendas, nem dinheiro no banco, nem bigodes retorcidos.

Minha carta de alforria costurou meus passos aos corredores da noite de minha pele.

* Adão Ventura Ferreira Pires, Negro Forro

Um naco de fumo escuro negrinho da tua cor, no monturo.

Um toco de pito aceso negrinho cor de teu sangue indefeso.

Muito estancieiro safado negrinho formigueiro à beira-estrada.

Contra as manhas dessa malta negrinho se vai de cabeça alta.

E peço: clareia o rumo negrinho de teus irmãos cor de fumo.

* Oliveira Ferreira da Silveira, Transmissão

* Oliveira Silveira

Tudo que sei do número treze é que é o grupo do galo e que é o dia de azar.

Tudo que sei de liberdade é continuar escapando da penitenciária, pois não existem quilombos para me guardar.

* Éte Semog (Luiz Carlos Amaral Gomes), As Minhas Custas.

E nos fizemos a seu bel prazer pra chutar a bola dizer sim senhor dizer sim senhora vomitar auroras produzir orgasmo lhes servir a mesa e não encher o saco

com pedidos de aumento nem tampouco exigir dignidade!

Eles nos pintaram em cores e taras de seus interesses para calar pra sempre não rever a história, não ter mais memória nem ressentimento.

engolir verdade abaixar os olhos não ser violento

respeitar a paz lei do capataz e não gemer no tronco ou ficar cantando lamento depois da surra das dificuldades do dia! Eles nos pintaram em cores e taras a seu bel prazer

e sobre os raios das lutas quilombolas e outras pincelaram apressados as cores do desdém.

* Cuti, Pintura

Gosto da inocência dela: benze crianças, faz simpatias, reza sorrindo, chora rezando.

Gosto da inocência dela: apanha rosas, poda os espinhos, coloca nas mãos, de menino branquinhos.

Gosto da inocência dela: conta histórias longas, de negros perdidos, nas matas cerradas dos chãos do país.

Gosto da inocência dela: ama a todo mundo, diz que a ida à lua, é conto de fada.

Gosto da inocência dela: crê na independência, e é tanta a inocência que até hoje ela pensa, que acabou a escravidão, ... Inocência dela...

* Geni Mariano Guimarães, Minha Mãe

* TODAS AS SUPRA de Axé – Antologia Contemporânea da Poesia Negra Brasileira (organização, Paulo Colina), Global, 1982

Araxá – fonte famosa das águas medicinais, a cidade mais formosa da nossa Minas Gerais.

Do horizonte mais distante num platô surge a cidade transmitindo ao visitante sensação de liberdade.

Araxá tem boa gente... Tem poetas, tem artistas... Não pertence a nós somente, mas a todos os turistas.

Todo mundo que for triste vá pra lá, ganhe um sorriso, para ver como é que existe nesse mundo um paraíso.

Toda mãe que vive amando traz na alma o amor perfeito, e no amor traz palpitando coração maior que o peito.

Trovando Araxá e Outras Trovas, 1999, de Ângelo D'Ávila SQSW 504, Bl. A, Ap 104, Sudoeste 70073-501 – Brasília, DF

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES
Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔
O trevo guilhermano rima os versos de 5 sílabas e, o do meio, a 2ª (não necessariamente; facilitemos!) com a 7ª.

O trevo **senryu** é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

O trevo **haikai** é sempre “aqui e agora” – não conceitual.

O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo!

Assim, temos:

trevo **haikai** personagem ou trevo **haikai senryu** (não filosófico), trevo **haikai** subentendido e, finalmente, trevo **haikai sazonal**, poesia pura – contém palavra da sação (kigo)

Simbolizamos o trevo haikai de sação pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!

Trevo **senryu**:

Sábio caracol!
Somente escolhe o terreno...
Sem teto, jamais!

Ercy M. M. de Faria

Trevo **haikai senryu** ou trevo **haikai** personagem:

Cabelos ao vento em caracóis ondulantes...
Crianças brincando.

J. Stavola Porto

Trevo **haikai** subentendido:

A concha do haikai abaixo não define a sação – embora fale da natureza; não se a confunde com um kigo (palavra da sação).

O menino escuta – ouvido na bela concha – murmúrios do mar.

MFM/EAOT

Trevo **haikai sazonal**:

Não existe haikai de sação, nem tema da sação (kidaí) sem kigo.

Aqui, claramente, um kigo referente à fauna no verão:

Caracóis passeando sob as sombras do jardim. Sol depois da chuva.

Manoel Fernandes Menendez